

## **A política do Sintoma III<sup>♦</sup>**

Freud e as comunidades

Marcus André Vieira

A ação lacaniana e uma breve recapitulação

Auto-erotismo [3](#)

Pai [4](#)

Novamente Orkut [6](#)

Gozo e caos [7](#)

Éticas [9](#)

RSI [10](#)

A fala [11](#)

Os três apitos [13](#)

Papéis [13](#)

### **A ação lacaniana e uma breve recapitulação**

Na última vez concluímos com a explosão de sintomas que acompanha a explosão das identidades. Muitas metáforas hoje são fornecidas pelos teóricos para, aqui e ali, caracterizar nosso modo de vida: amor líquido, desencaixe, reflexividade, corrosão. Elas se baseiam em idéias bastante recorrentes para caracterizar a dita pós-modernidade: pluralização, fragmentação, multiplicidade, falta de universais, relatividade.

A nossa questão principal, porém, é: Uma vez dada essa dispersão, o que possibilitará a unidade?

Em uma primeira aproximação postulamos que neste contexto a unidade passa a ser uma produção e não um dado de partida. Faz-se o que pode para integrar-se numa comunidade. Desse ponto partimos para o sintoma como nossa aposta de unidade para uma política psicanalítica.

Falar em política da psicanálise não significa que abandonemos o trabalho clínico em prol de cargos ou de palanques, mas sim que tenhamos uma preocupação com o lugar, no coletivo, que toma nosso trabalho. A proposta política da psicanálise sempre foi e será sua clínica. Ela se funda na

---

<sup>♦</sup> Terceira Aula do Curso Sintoma e Invenção da EPB-Rio realizado no Instituto Philippe Pinel no dia 17 de abril de 2008. Texto e notas estabelecidas por Leandro Reis (revisadas pelo autor).

reformulação radical que promove no *um-a-um* do encontro com um analista. Isso não impede que se coloque a ênfase no que poderia ser uma tradução mais "macro" dessa que será sempre uma "micro-política".<sup>1</sup> Para destacar este tipo de trabalho Jacques Alain Miller chegou a cunhar a expressão *ação lacaniana*, definida como "aquilo que possa propiciar, do ato analítico, suas conseqüências na sociedade".<sup>2</sup>

Apostamos na produção de um lugar para o sintoma do modo que a psicanálise o concebe - uma forma de lidar com o sintoma que não é o comum - e nesse percurso estaremos examinando o que é a própria aposta da psicanálise.

Com essa proposta em mente abordamos o termo da sobredeterminação freudiana (*Überdeterminierung*). A partir de Lacan isso deve ser pensado levando em conta que o sintoma encerra em si uma verdade que se opõe, de certa maneira, à realidade dos fatos assim como o sintoma se opõe ao signo. Chegamos ao ponto em que a sobredeterminação pode ser entendida como um emaranhado de idéias, significações, associações enfim, como um nó que guardará indeterminadamente em seu centro um ponto cego.

O sintoma, até aonde navegamos, consiste justamente nessa rede de coisas em torno de um ponto cego. Ele encerra uma verdade que não será conhecida em si. Sua importância reside no que a verdade pode estabelecer como certeza. Em outras palavras, quando se aborda o sintoma na psicanálise não se produz uma objetivação, mas uma certeza.

Freqüentemente os analisantes têm certeza e é difícil para os que estão de fora entender em que ela se funda. A análise do fulano caminhou e achou algo, em torno do sintoma, que lhe deu a convicção de ter feito uma descoberta. A descoberta, porém, nunca é a do sentido último do sintoma. Ele não será feito de uma única verdade, mas mexer com seu nó nos transporta à dimensão da verdade. É nesse sentido que o Lacan insiste que o sintoma é uma experiência de verdade e se serve de toda a sorte de metáforas: ele é representante da verdade, emissário da verdade.

Chegamos, por conseguinte, àquela montagem entre corpo e gozo a partir da música *Eu te Amo*, do Chico Buarque. Ali compõem-se coisas, mas não ao modo da articulação entre alguma coisa na superfície (consciente) e outra coisa na profundidade obscura (inconsciente). É muito mais o nó entre uma série de idéias e o caos, ou, como diz Lacan uma rede que fisga um real. A série de idéias, significantes nos termos de Lacan, foi resumida com a imagem das roupas que vestimos o tempo todo. O caos da paixão, por outro lado, realiza o ponto cego do gozo. Então, há uma oposição entre realidade factual e ao lado disso a realidade sexual do inconsciente que é o termo que Lacan vai valorizar na conferência que estamos trabalhando.<sup>3</sup> A realidade sexual não é uma realidade oculta e em última instância ela nem faz parte da realidade. É preciso o Chico para nos transportar para ela e mesmo assim, a realidade sexual se revela incompatível com a vida.<sup>4</sup> É com esse sentimento extremo, de violência e paixão que nos habita, que se fundará nossa certeza.

De fato, é impossível habitar essa realidade sexual, pois um campo – ou pólo, idéia que nos era cara muito brevemente - sem objeto, sem lei, enfim, é algo próximo da morte. Porém ela se articula com o pólo da realidade onde impera a identidade. O que restou de questão foi: como articular esses dois hemisférios? Onde está a ponte entre esses dois extremos?

## **Auto-erotismo**

Devemos agora tentar caminhar um pouco nas idéias sobre o gozo e ir além de seu mero caráter destrutivo, oceânico. Lacan na conferência nos mostra o caminho. Ele discorda de Freud quanto ao termo auto-erótico. Essa idéia auto-erótica supõe a possibilidade de estar imerso no gozo, o que nos levaria a pensar que teria havido uma bela cama de onde cada um de nós teria saído. Freud de quando em vez volta a isso e parece sugerir que saímos do auto-erotismo para escolha do objeto. Ora, o Éden perdido, se Chico e Lacan estão certos é a morte. Por isso o auto-erotismo, apesar de fundamental, é apenas um mito regulador e não um acontecimento ou fase. Não tem ninguém lá.

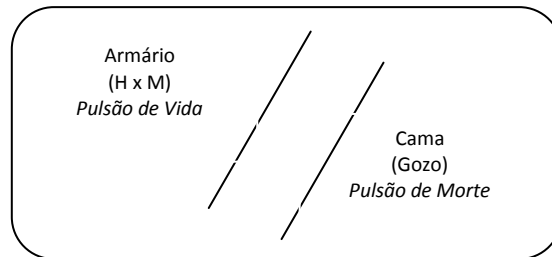
Dessa forma, quando se lê Freud falando de “sua majestade o bebê” pode-se supor que haveria um primeiro tempo onde há a majestade bebê e por isso ficamos fascinados<sup>5</sup>. Em algum lugar ouvi a seguinte maneira de retomar a questão: só há *sua-majestade-o-bebê da mamãe*. Com efeito, o bebê não está necessariamente tranqüilo. Ninguém garante que ele está no bem bom exceto a mãe. Nesse sentido que Lacan diz que não há auto-erotismo, em si. O bebê está é uma espécie de caos e que ora podemos achar que é bom ora podemos achar que é ruim variando em função do que atribuímos àquela situação. Então o *sua-majestade-o-bebê-da-mamãe* assinala essa ambigüidade. Retirando-se a mãe não há majestade. Porém, num certo sentido ele tem a majestade como mito, pois podemos supor nele o que quisermos dado que ele ainda não está exatamente em nosso mundo.

Só se vive quando se tem que escolher os objetos com o qual vamos andar pelo mundo. Enquanto se está na cama não há nada. Temos que levar isso a sério, caso contrário, não chegaremos ao radical daquilo que está sendo proposto ou poderíamos pensar que a cama é um armário bagunçado. Não. A cama é a ausência de identidade. Não há gozo auto-erótico, pois o gozo, dirá Lacan é essencialmente *heteros*, no sentido de ser estranho. Não me reconheço nele, por isso Lacan refere-se ao Pequeno Hans, pois no comentário de quase um ano inteiro que dedicou ao caso do Pequeno Hans, em seu quarto Seminário oficial, havia destacado como tudo começa quando o menino vê seu pênis em ereção e não sabe o que fazer com aquilo, nem se aquilo é realmente dele. Ao mesmo tempo é isso que nos faz viver e voltamos, assim, à questão da articulação.<sup>6</sup>

O armário e a cama retomam e relêem aquilo que é conhecido como **conflito** e que é abordado exaustivamente em Freud. Não podemos entender o conflito a que se refere Freud como algo estabelecido entre duas coisas, entre uma roupa masculina e outra roupa feminina, por exemplo. Ainda que existam no armário conflitos como esse, estamos falando daqueles que se

estabelecem entre armário e cama, ou entre uma série de identidades e um gozo sem identidade.

O que fica na ponte? Sabemos que seja lá que for teremos um nó de significações, como Lacan define o sintoma. Nesse nó elas agarram alguma coisa desse gozo. O ponto cego do nó está no gozo e seus fios, as significações, estão no armário.<sup>7</sup>



Dizer que é um emaranhado se significações remete a um jeito de articular, mas não diz claramente seu modo. O se encontra no meio do esquema será essa chave? Infelizmente, o que devemos dizer de saída é que essa chave não existe. Vejamos.

A primeira hipótese seria imaginar na junção uma espécie de meio termo entre os dois extremos. Aqui intervém a idéia de mediação. Para entender melhor a mediação vamos pensar a cama como o espaço em que está mergulhado o psicótico. Caso acredite no meio-termo, vou me propor como aquele que fará a mediação entre o psicótico e o mundo. É o que propõe muitos dos que ousaram pensar sobre o que seria o trabalho específico do acompanhante terapêutico. Parece bom, ele seria um mediador, uma espécie de intérprete em temo real do seu paciente par ao mundo e do mundo para seu paciente.

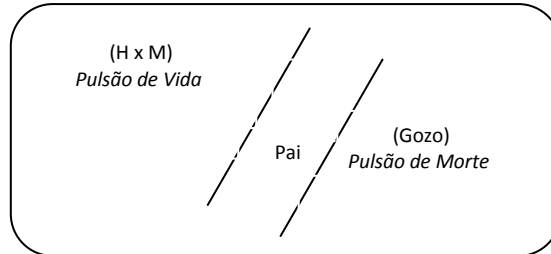
Ora, como conceber o meio termo entre coisas inteiramente heterogêneas, que nada têm em comum? Dizer que o trabalho é de mediação exige que tenhamos tanto uma intimidade com a loucura como com o armário. Isso não é nada assim tão evidente. Ao contrário, a experiência do encontro com o psicótico é exatamente a do encontro com uma estranheza radical, com algo que não conseguimos encaixar etc. E não é porque fomos nos habituando com ela que a conhecemos melhor, no sentido de termos a chave do modo coo ela vai se comportar. Nada disso, nunca sabemos o que pode acontecer.

## **Pai**

O gozo da cama, radicalmente não tem essência e as essências, radicalmente não tem vida. Como juntar as duas coisas? A resposta clássica é: *"Eu não sei bem, mas alguém, em algum lugar, sabe"*. A esse alguém damos o nome de Pai, com Freud ou de Nome-do-pai, com Lacan. Ele é o elo entre os dois. É simplesmente a certeza de que alguém sabe como fazer, que empresta funcionamento a essa articulação – o Pai como elo perdido, como crença, fé, funciona. Apesar de ainda não sabermos o que fazer, já podemos chegar perto,

apostar no que dizem os manuais e na experiência de outros etc. O elo, aqui, será sempre um elo perdido, mas isso porém, não importa. Não é preciso que o Pai esteja ali dizendo o que fazer, ele é menos alguém e mais uma função, por isso Lacan prefere o termo Nome-do-Pai.<sup>8</sup>

O Pai não é nada. A articulação é feita por uma fé vazia de conteúdo. O Pai, dirá Freud, é um fantasma, um morto. O símbolo de seu poder, o falo, que por isso será definido por Lacan como "símbolo de uma falta". De fato, todo símbolo de poder, apesar de suas formas eretas, é símbolo de um poder que não está ali (se não, não era preciso o símbolo). Isto é a *hipótese-Pai*.



Aliás, quanto menos ele disser, mais poder ele terá, pois mais posso supor que ele sabe. Isso não impede, porém, que a hipótese-Pai engendre diretrizes e mandamentos. Basta que não se perca de vista que sempre há um mandamento mais além que ainda não foi dito. Sempre falta o pulo do gato, o que não impede que tudo o que seu mestre mandar seja válido, ao contrário, é porque seu mestre ainda não revelou tudo que tudo o que ele disse tem valor. Pensemos nos tempos clássicos, que nem sabemos se realmente existiram, mas que servem de referência. O Pai dizia como um homem deve fazer para encontrar uma mulher e ir para cama. Havia a certeza de que alguém já tinha passado por aquilo e sabia fazer o caminho certo. Essa é a forma paterna de articulação armário-cama, a tradição, que remete a uma saber anterior, que remete a outro e mais outro e assim por diante até a noite dos tempos. Como se vê tanto há prescrição quando vazio, tanto significações quanto ponto cego.

Agora vejam, se nossa definição de sintoma é "tudo aquilo que faz articulação", se toda montagem entre o armário e a cama é um sintoma, logo o pai é um sintoma<sup>9</sup>. O pai sempre foi o principal sintoma. Mas existem outros.

Essa desvalorização do Pai, que não é mais "O" caminho, mas um entre outros, nos leva à inversão dos nossos tempos. Quando o Pai é o sintoma mais difundido, a ponto de pensarmos que ele é "O" modo natural, tradicional, universal, de articulação gozo e significante, quando ele é aparelho de base, há uma espécie de gozo correto. Não que seja o mais natural, geneticamente correto, mas correto no sentido de ser aquele mais freqüentemente usado, que funciona tradicionalmente.

<p>Gozo "correto" /Tradição</p> <hr style="width: 50%; margin: 0 auto;"/> <p>Signo de doença</p>	<p>Quando estamos no império do gozo correto, tudo que se lançar contra esse padrão vai ser sintoma. Não é a isso que dávamos o nome de sintoma? Quando</p>
--	---

o sintoma de base é o pai, o sintoma na clínica é algo a ser erradicado, algo estranho. Eis o sintoma Freudiano, ainda que seja o próprio Freud que nos dê os elementos para que pensemos que o Pai é um sintoma.

Experimentem agora a hipótese de que esse gozo correto se perdeu, de que ninguém tem mais certeza do caminho correto, de que tudo é passível de discussão, aquilo que estávamos no início chamando de relatividade da pós-modernidade. Nesse contexto, o que acontece com aquilo que antes era signo de doença? Ele passa ser um modo de gozo entre outros. Na hora em que a via principal que é o pai se esvazia, todas as formas de gozo são possíveis. Não há "A" forma, mas sim "formas" de gozar. É exatamente o que se vê no DSM. Ali, tudo que era *doença*, mal a ser tratado e erradicado, passa a ser apenas um transtorno, *perturbação*, cujo tratamento não é necessariamente seu próprio fim. O "D" de *disease*, dá lugar ao de *disorder*. É claro que o DSM ainda registra o sintoma como patologia, mas a tendência está ali estampada. Em vez de eliminar a doença, propõe-se que você a tome pelo lado bom, que você a viva bem. São formas de vida, mais ou menos ruins dependendo de como você a vive, se ela te faz sofrer e o quanto.

## O grande Orkut

Neste plano há um incurável do gozo. Não se pode mais curar. Hoje escutamos pessoas dizerem que *são* bipolares em vez de doentes. O tema geral é que os sintomas, aquilo que a gente passou a chamar de transtorno, deixa de ser um mal e passa a ser um modo de viver. O melhor modo de mostrar isso em sua radicalidade é explorar um pouco mais o Orkut. Nele, cada um tem uma lista de comunidades a que pertence e elas nada mais são do que registros de um modo de gozo: "eu subo os degraus de dois em dois", "fecho gaveta com a perna" ou, menos óbvios: "celular de bêbado é uma arma". Eles podem ter variações, não precisam ser modos de gozo ativo, podem ser mais passivamente vividos: "A lei de Murphy me persegue", ou "Meu cabelo me odeia", mas isso não muda a idéia geral. Ali, reunindo-se uma série de formas de gozo, pode-se dizer: Eu *sou* isso.

Orkut/DSM

---

Modos de Gozo

O que era antes um gozo como "penso com a geladeira aberta" ou "leio o rótulo do shampoo no chuveiro"? Algo no mínimo desprezível. Dispensável. Se ocupando o centro da vida, patológico. Agora, isso passa a ser um traço identitário. Compondo-se uma lista de sintomas como esse constitui-se uma identidade. Vivemos assim numa enorme comunidade de sintomas. É o que J. A. Miller ironiza ao dizer que os Estados Unidos, nosso paradigma para este tipo de generalização do sintoma, deveriam ser chamados de *United Symptoms of America*. Trocando em miúdos: *quando se supõe haver ordem na natureza, o sintoma é desordem; quando a natureza é ilegível, o sintoma é instituição.*

Essa mutação da humanidade justifica a mutação em nossa teoria. Nisso vamos encontrar a importância do *Seminário 23: O sintoma*, pois nele o pai é abordado como um sintoma entre outros. O que importa não é tanto se a forma de gozo é errada ou certa. O que nos será imposto com força é se ele

consegue fazer a tal ponte que estabiliza ou não. É neste contexto que se situa a fórmula proposta por Lacan como assinalando o final de uma análise: *identificar-se com seu sintoma*.

Então a psicanálise agora é pós-moderna? Vamos nos igualar ao Orkut e propor que cada um tenha direito a seu sintoma e pronto? Só que a fórmula de Lacan não pode ser lida como "a cada um seu modo de gozo". Ela supõe toda uma reformulação da teoria do sintoma, que estamos tentando abordar aqui e que impede que ele seja lido como um modo de gozo. A questão não é ser a-normativos ou não. Sempre fomos a-normativos. Trata-se de perceber que quando se propõe a tese aparentemente libertária do "cada um com seu gozo", não sabemos a quem estamos nos referindo com "modo de gozo". Um modo de gozo vira instituição hoje, certo, mas o que é esse modo de gozo? É sobre isso que nos debruçaremos.

Há um engano fundamental nisso. A idéia de "assumir" uma forma de gozo parte do princípio que existem vários gozos e que você pode vesti-los. Por aí já se vê que ela lida com o gozo como se fosse uma roupa e ele é tudo menos isso. Estamos em condições de saber que o gozo desfaz a unidade em sua aparição. Ele não acontece no plano da unidade, exceto se cama e armário estiverem bem amarrados.

O que o Orkut faz é fingir que essas roupas são gozo, sem que se precise perguntar sobre como a amarração se faz ou desfaz. Em vez de explorar sua montagem para eventualmente recriá-la artesanalmente, porque não escolher uma das disponíveis na cultura, ou melhor, montar uma composição das já disponíveis? E que não se pense que isso seria tão rígido assim. Sem dúvida é rígido, mas neste mundo customizado é possível até mesmo dar lugar a uma divisão subjetiva. Conheço alguém que está inscrito na comunidade "prefiro o Bob's a Mac Donald's" e ao mesmo na outra: "O Mac Donald's é melhor que o Bob's".

A proposta do Lacan é muito radical. Ele na propõe a liberdade nem nos afasta da rigidez. Apenas, em vez de multiplicarmos ilimitadamente formas fixas de gozo deixando a invenção para a combinação customizada delas, ele propõe que se pense que tudo isso está no campo do armário, no campo do Outro em seus termos. O gozo só tem unidade quando uma roupa o veste. Se não, é o caos. Bem vindos de volta à pergunta sobre a amarração.

## **Gozo e caos**

Ganhamos muito ao pensarmos gozo como caos porque saímos da idéia de que há vários modos de gozo e embarcamos nesse caráter disforme do gozo, essa substância da vida, que nos causa e nos perturba. É exatamente assim que Freud falar da pulsão, rompendo com a idéia de que haveria tantas pulsões quantos são os objetos do desejo humano. Para tanto ele a caracteriza como uma constante, *Konstant Kraft*, algo que sempre exige, sempre mais.

Valeu-nos muito pensá-lo como caos, mas agora temos que mudar um pouco, pois, se mantivermos desse jeito, não há articulação possível. Afinal, o que se articula com o caos? O gozo não pode ser apenas caos, ainda que seja

melhor pensá-lo assim em vez de localizá-lo como a soma da infinita biblioteca das variantes do prazer humano. Ainda mais porque o caos é algo bem menos insano do gozo que estamos buscando definir.<sup>10</sup>

Lendo *O Instinto e Suas vicissitudes*, de 1915<sup>11</sup>, além da idéia da pulsão como uma constante, nos deparamos com uma verdadeira maquinaria pulsional. A pulsão caminha, percorre seus destinos, vai ao objeto. Ela se decompõe em quatro elementos e pode se conjugar no ativo, no passivo, pode se inverter do eu ao objeto e assim por diante. Será, então, que tudo isso que Freud descreve sobre a pulsão é o armário? O maior efeito é que ao final de todas as possibilidades que ela encerra, a pulsão acaba aparecendo como sendo, em si, nada, ela pode investir qualquer objeto e realizar-se a favor ou contra o ego.

Pensar a maquinaria da pulsão, descrevê-la e destacá-la para começo de conversa rompe qualquer relação natural que ela pudesse ter com um objeto complementar. Então não há pulsão de leite, de amor, disso ou daquilo, porque ela pode se exercer em qualquer coisa. Por isso mesmo ela não é o instinto. Ele tem essa plasticidade de tomar conta do armário e vestir qualquer roupa e tudo isso faz gozar. Então tudo que Freud indica sobre a pulsão são apenas as formas que toma quando habita o armário? Se é isso, retirado dela o armário, ela é só uma força vazia? Ela tem algo mais, em positivo? A metáfora do umbigo coloca o gozo no centro do sonho, assim como no centro do sintoma, como seu ponto cego, o olho do furacão. Mas o que seria este olho? Puro caos?

Vamos, para começar, desmitificar o caos. Imaginem o quarto de um adolescente numa casa? É o caos ou não? Só em aparência, porque quando a empregada muda qualquer coisa de lugar os adolescentes ficam enlouquecidos. De certo ponto de vista é o caos, mas para o adolescente não. Então o que fazemos com aquilo que aparentemente parecia caos? São ao menos quatro caminhos possíveis entre vários.

O primeiro consiste em dizer que só aparentemente era o caos. Não há caos. Ele é apenas efeito do ponto de vista - só é caos para os preconceitos maternos, no exemplo. Algo em torno do dito: o inconsciente não é o incognoscível, mas apenas outra lógica. Então, na verdade não há caos, apenas regras ainda desconhecidas. Isso nos consola, porque dizemos que o gozo tem regras ainda que não as conheçamos. Só que estaríamos acabando com o gozo tal como o havíamos situado e caindo novamente no gozo pré-definido. Se ele tem regras então, as várias formas de gozo definem a humanidade, em vez da abertura infinita das possibilidades de conjunção caótica do gozo com as roupas do Outro. Tomar o inconsciente como mais uma lógica, só que oculta, acaba como sua irreduzível e apaixonante obscuridade.

A segunda possibilidade é considerar aquilo como sendo o puro caos. A partir daí, porém, só posso arrumar o quarto do adolescente a partir da minha lógica (já que ela é a única possível). Não posso mais entrar lá como antropólogo para estudar e descobrir a etnograficamente a lógica do adolescente. A psicanálise não é uma antropologia do inconsciente, mas também não é a ditadura da lógica do mestre. Há de se pensar essa variante



da segunda possibilidade. Tomando-se o gozo como puro caos, posso decidir-me a discipliná-lo com meu gozo correto ou ficar ali, fascinado com o caos que evidentemente está para além de minhas possibilidades de compreensão e domínio.

Posso fazer outra manobra, a terceira possibilidade. Desistir de entrar no quarto, de entrar em relação com ele. Colocar-lhe uma tarja preta. O quarto é uma caixa preta, não se sabe exatamente o que há lá, mas sabe-se bem o que entra e sai. O trabalho recairia sobre isso, regular o que está fora. É a proposta comportamentalista. Não se sabe o que é o gozo, e ninguém se propõe a saber. Às vezes um pai faz isso, ou seja, fixa regras para o uso dos outros cômodos. No seu quarto, meu filho, você faz o que quiser, nem quero saber. Pode-se fazer terapia com essa idéia. Porque o que sair é armário objetivado, gozo correto. Você autoriza todos os gozos lá dentro, enlouquecidos que forem, mas aqui fora não.<sup>12</sup>

E, finalmente, a quarta possibilidade. A da mediação, do mediano, *mediocritas*. Não é a da mediocridade, mesmo que ela não esteja tão longe. *Mediocritas*, segundo Eric Laurent, remete ao bom critério para o bom equilíbrio. Isso seria fazer uma negociação como adolescente. Aceito mudar metade da casa e você aceita a outra metade da minha casa. Essa posição medíocre do meio termo é basicamente a posição tradicional da ética do ocidente. Desde Aristóteles a virtude está no meio.<sup>13</sup>

## Éticas

Acontece que a partir do aparecimento da ciência moderna essa ética não mais funciona em todos os momentos. E certamente em psicanálise não. É uma ética possível, outra maneira de lidar com o gozo. Não será a nossa. O próprio da ética psicanalítica é lidar com o caos como caos. Há algo nesse gozo meio caótico que vai continuar como tal, que não se apresentar como outra lógica, nem ser transformado em silêncio incognoscível, divino ou demoníaco.

Não é por acaso que Lacan aborda a pulsão em seu Seminário 7: *A Ética da Psicanálise*<sup>14</sup>. Porque dar lugar a esse gozo obscuro e trabalhar com ele como tal implica toda uma ética distinta. É um jeito de pensar o certo e o errado de uma nova forma. Seremos, por exemplo, obrigados a ouvir uma série de coisas violentas e enlouquecidas, para poder trabalhar com o isso, sem buscar de saída situá-las em nossas gavetas. Lacan passa um ano inteiro para pensar essa ética do desejo, uma ética que levasse em conta o desejo humano como contendo em si o germe de algo mortífero.

Vamos nos deter no capítulo "Pulsão de Morte". Nessa lição, para começar ele situa o gozo como essencialmente obscuro.<sup>15</sup> A seguir destaca as figuras da pulsão ou do gozo em seu aspecto "positivo". Existem alguns nomes para o gozo na nossa teoria deste ponto de vista. Primeiramente ele é obscuro. Esse obscuro do objeto do desejo. A seguir, no texto de 1915, Freud o nomeia como ódio. Lembrando que o ódio é mais antigo que o amor.<sup>16</sup> Algo violento, que ali ele chama de ódio situa o gozo. Morte, será, finalmente seu nome. Já o aponta em 1915, quando fala da diferença entre o indivíduo e a espécie. Em

1925 a vinculação entre gozo e morte será mais que explícita com sua proposta da pulsão de morte.<sup>17</sup>

Lacan retoma todos os nomes freudianos destacando que a pulsão de morte deve ser entendida como vontade de destruição e não de reconstrução. A seguir, situa a pulsão como vontade de Outra-coisa<sup>18</sup>. Essa me parece a melhor pois desvincula da morte em seu sentido imaginário de maldade e a mantém como destruição do que é para que Outra coisa possa ser. Lacan vai tentando falar do gozo enquanto tal. Sem reduzi-lo. Sem dizer que no fundo ele é bom porque ele vai construir coisas. Isso é verdade, sem ele não há novidade possível, mas não porque no plano de Deus ele desempenha o papel de uma maldade que tem um sentido maior benéfico. Não, é sem sentido que a Coisa se apresenta, pois ela está antes dos sentidos e valores. Não é retorno ao inanimado, não matar ninguém, nem agressividade. É só essa violenta necessidade de Outra-coisa.

Ficam aqui duas passagens emblemáticas para o que dissemos ambas do Seminário 10: A Angústia:

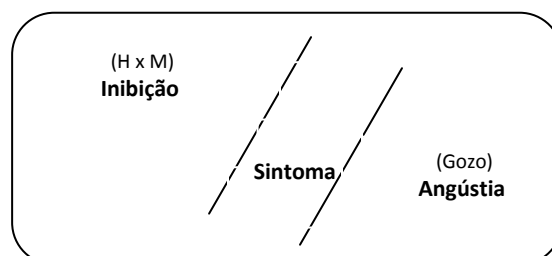
*O que pedimos – eu ainda não disse a quem, mas, afinal, como convém que se peça alguma coisa a alguém, verifica-se que é o nosso parceiro; é certo mesmo que seja ele? Isso terá que ser visto num segundo momento-, o que pedimos é o quê? É para satisfazer uma demanda que tem uma certa relação com a morte.*<sup>19</sup>

*Não estou dizendo, justamente, que a angústia de castração seja uma angústia de morte. É uma angústia que se relaciona com o campo em que se relaciona com o campo em que morte se ata estreitamente renovação da vida.*<sup>20</sup>

É uma ótima forma de retomar o *Além do Princípio do Prazer*. Quando transo com alguém morro um pouco porque é a espécie que em mim propaga-se, mas não eu. Estou a serviço de meus gametas e não de mim mesmo, por mais que ligo depois diga, “não foi bom, meu bem?” Lacan afasta a metáfora da evolução das espécies para destacar o quanto nesse encontro há algo letal.

## RSI

Entramos no espírito do *Seminário 10: A Angústia* com as passagens anteriores. Recorreremos, então, ao esquema que Lacan introduz logo no início do ano, onde há uma divisão em três andares correspondendo à tríade freudiana de Inibição, Sintoma e Angústia. A indicação de Lacan é clara. Devemos tomar estes três eventos subjetivos, situações da vida, em um plano fora da realidade cotidiana. Não são experiências subjetivas, mas três grandes categorias, três grandes registros que formatam a experiência pessoal. Definem o que sentimos e não são definidos pelo que sentimos.<sup>21</sup>

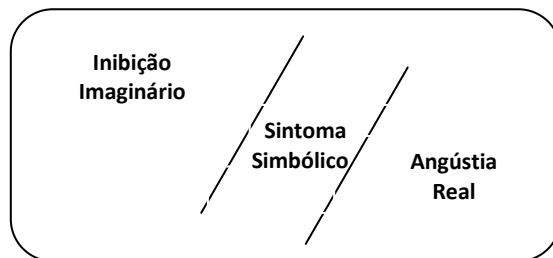


Isso posto, as relações da cama com a angústia são bem claras. A relação do armário com a inibição talvez não. Porém, não devemos pensar inibição usando seu sentido comum. *Inibição* para Freud é apenas ausência de movimento e mais nada. Dessa forma o armário é realmente um antro de inibição, pois ali, todas as roupas são estáticas. A cama, por outro lado, é o lugar da agitação desenfreada que flerta com a morte.

Para que o esquema nos ajude precisamos não apenas tomar os três termos como categorias conceituais distintas, mas também como desempenhando funções muito distintas. Os dois primeiros são pontos extremos do esquema, são "pólos" e não coisas. Isso será essencial. Todo o trabalho de Lacan vai neste sentido.<sup>22</sup> No intermédio há o campo de sintoma - a única coisa que é de fato. Os outros dois pontos são apenas referências. Dessa forma o armário não é uma coisa-em-si ele é um pólo. O completo afastamento de um pólo do outro ocasiona no primeiro paralisia, petrificação, no outro agitação absoluta, nos dois extremos é a morte.

Mais um acréscimo a nosso esquema. Dez anos após o seminário da angústia, em *RSI*, Lacan acrescentará aos três elementos do esquema seus célebres registros<sup>23</sup>:

*Imaginário*, para Lacan nada tem a ver com devaneios e coisas ilusórias. Ao contrário. Para ele é tudo que tem corpo, pois são as formas das coisas que lhe dão solidez. O imaginário é o que tem forma, *gestalt*, e que por isso é reconhecível e faz sentido. Essas formas das coisas estão na Cultura. O *Real* teria mais a ver com essa confusão que estamos chamando de gozo e paixão. Já o *Simbólico* também não será aquilo que se pensa normalmente, como sinônimo de algo mais abstrato, cultural etc. Ele, para Lacan é a combinatória das formas, um sistema de regras sem conteúdo, uma lógica desencarnada que ele muitas vezes designa com estrutura e que habita nosso uso das palavras, de uma fala o simbólico seria mais a sintaxe e o imaginário mais a semântica. Já o real seria mais o som.



## A fala

A grande pista que nos dá Lacan ao associar seus três registros aos três de Freud é superpor o sintoma, o campo próprio de nosso trabalho, ao simbólico, que é o esqueleto da fala. Pode não ser para ele sinônimo de cultura, mas não é nada sem as palavras e a fala. Sabemos que é nesse meio, campo do sintoma que a fala vai acontecer. É claro que a palavra também está no campo da inibição e da angústia, mas quanto mais avanço em direção a esses pólos, mais elas se apagam. Não é isso? Se um residente começa o trabalho em um serviço pode cair para um lado ou outro. Se ele disser "sou da prática, nada que conste nos livros me interessa" ele se verá em cheio na angústia de encontrar a clínica sem nenhuma roupa prévia para vestir. Por outro lado, se quiser conhecer todos os hábitos, síndromes e condutas antes de cair no trabalho, ficará para sempre a estudar, paralisado, pendurado no

cabide da teoria. Nos dois casos, acabou-se a fala e tornou-se impossível qualquer ação. Toda ação humana é assim algo que ocorre entre os dois pólos, da inibição e da angústia, em um campo feito de uma montagem, que agora chamamos de sintoma. O sintoma não é aquilo que conecta o armário à cama? Agora podemos dizer que é a fala que faz isso. A fala é o grande conector. É como Lacan pensa a fala, como um aparelho de gozo, um condensador de gozo<sup>24</sup>.

O único problema é que agora parece que perdemos a especificidade do sintoma. Mas aqui ajuda-nos a *Conferência de Genebra*. Lacan, vai marcar, além da realidade sexual do gozo a fala como aparelho de gozo. A seguir, ele faz uma diferenciação na própria fala, ainda que seja bastante alusivo.

*O fato de que uma criança diga talvez, ainda, não, antes mesmo de ser capaz de construir verdadeiramente uma frase, prova que há algo nela, uma peneira que se atravessa, por onde a água da linguagem chega a deixar algo na passagem, alguns detritos com os quais ela vai brincar com os quais, necessariamente, ela terá que lidar. É isso que lhe deixa toda essa atividade não refletida- restos aos quais, mais tarde, porque ela é prematura, se agregarão os problemas do que a vai assustar. Graças a isso [os restos], ela vai fazer a coalescência, por assim dizer, dessa realidade sexual e da linguagem*<sup>25</sup>

Esses restos e detritos é que possibilitam que a criança faça a "coalescência" entre realidade sexual e a linguagem, ou seja, eles são, da fala os elementos conectores. Eles são o material próprio do sintoma. Então, a fala, em geral, é uma máquina de aparelhamento do gozo. Quando se fala conectam-se o real da cama e o imaginário das roupas do armário. Não é fala no sentido de verbalizar e sim de estar na linguagem se localizar de estar no mundo. Nela ele destaca algumas coisas quando a criança é banhada pela linguagem. Ela sempre faz isso. A questão é saber como a conexão é feita para cada um.

A criança é mergulhada na linguagem que a mãe é - isso é uma inundação de gozo e linguagem - ficando na peneira restos e detritos. É metafórico, mas podemos imaginar que uma criança fica marcada com restos de falas e de experiências decantados. Uma série de coisas que ficam por ali. É isso que Lacan fala que vai fazer conexão. É alguma coisa daquela experiência do encontro com a fala do Outro que deixa marcado o modo como a criança vai fazer suas conexões. Isso que a gente vai chamar de *sintoma*. Essa espécie de ossatura. Essa coisa meio que foi se fazendo por esses atravessamentos do encontro com a linguagem que é o encontro com mundo.

Não são exatamente essas coisas que são as últimas a serem perdidas? Não é o que diz a Lei de *Ribot*? É uma lei que se aplica aos transtornos degenerativos onde, da memória, perde-se sempre aquilo que é mais recente. Poderíamos pensar o contrário, pois seria mais fácil evocar aquilo que foi aprendido há pouco tempo. No entanto, vemos sujeitos que ficaram apenas com esses pedaços da infância. É que essas são as marcas.

Isso não significa que são marcas indelévels. Senão voltaríamos para os códigos genéticos. Que eles sejam adquiridos antes do nascimento no genótipo ou no desenvolvimento, fenótipo, não muda muito. O problema é pensá-los como algo imutável. Se algo aprendemos com a psicose é que vemos o quanto nela esses restos são feitos e refeitos constantemente. Eles são letras, mas não são texto. Não dizem nada, não definem, como pensa a genética o que seremos. Isso posto a leitura que dele fazemos, ou que com eles fazemos do mundo, pode ser infinitamente alterada, mas não suas letras.

## Os três apitos

Esses detritos da fala, letras, aproximam-se do real sendo, desse modo, muito mais carne do que idéias. É o que Lacan situa, nesta conferência inclusive, com um neologismo, *lalíngua*.<sup>26</sup> Mas a fala também tem seu aspecto imaginário, de idéias e de sentido. São dois pólos. A psicanálise, desta forma, atua a partir das idéias que você traz, mas essas idéias serão decantadas, reduzidas a seu osso, ao que nelas funcionam como marcas, que não são mais exatamente idéias, são detritos. Com esses detritos, reordenando-os, você consegue agir no real do sintoma, em seu gozo. Porque alguma coisa nesses detritos vieram canalizar o gozo, dar-lhe os trilhos por onde você tem percorrido sua vida. Pode-se assim definir a psicanálise, com J.A. Miller como "Aquilo que a fala tem de imaginário é acionado na análise para fazer com que aquilo que ela tem de real mude seu gozo".<sup>27</sup>

Utilizando os termos do *Seminário 23*, vamos dizer que sempre que houver essa conexão que realiza o sintoma há *estabilização*. Essa estabilização pode ter algumas ênfases. Não pensemos como uma gradação de melhoria, mas alguns caminhos que ora são melhores ora são piores. Posso imaginar que se consiga um corpo. Ter corpo não quer dizer que se tenha tudo, pois vemos que muitas vezes um corpo sem muito mais, inerte, como na catatonia. Outra ênfase poderia ser "ter um nome". Ter um corpo não é igual a ter um nome. Finalmente, pode-se ter uma trabalho, um fazer, que pode inclusive resultar em uma obra, o que não é a mesma coisa, um fazer, resultando em uma obra pode ser bastante estabilizador por, além de um fazer proporcionar um nome, mas não é preciso obra para estabilizar, é possível imaginar um fazer que existindo ao sujeito venha lhe dar corpo. O jogo destas estabilizações segue o padrão do nó. Eles estão sempre associadas, impossível pensar vida sem um pouco de cada um, mas podemos, talvez meio esquematicamente, é verdade, destacar por qual via se chegou à montagem do sintoma que estabilizou-se.<sup>28</sup>

Proponho que experimentemos as estabilizações que encontrarmos nessas três vias combináveis. Tomem o exemplo dos Três apitos, de nosso anexo.

Noel Rosa pode nos ajudar, para concluir, a imaginar estas difíceis noções, mais especificamente seu samba *Três apitos*.<sup>29</sup> Conhecemos a história e seu drama pode ser resumido da seguinte forma: sua mulher o abandonou porque não quer um boêmio. Ela trabalha na fábrica de tecidos enquanto ele enquanto ele, diante do impossível da relação, lamenta sua perda. O impasse está aí e a canção acena com três possibilidades de solução. A

primeira seria tornar-se gerente da fábrica. *Você não atende a buzina do meu carro, mas atende o chamado do gerente.* Ele ganharia a identidade socialmente aceita e desejada pela mulher. Teria o corpo correto, mas não o gozo. Seu gozo, mesmo que não possa dizê-lo integralmente, já lhe é um pouco conhecido. Seu “destino foi traçado no baralho”, ele é um “poeta muito soturno” e para ele, gozo, só à noite. A segunda opção seria *virar guarda noturno*. Esta solução é aparentemente bizarra porque o guarda noturno não é exatamente uma identidade (ao menos não tão claramente definida). É mais uma nomeação, que em seu sentido próprio não tem conteúdo, não define o que se é ou o que se deve fazer, apenas confere localização. Como o “34-43-33” de outro samba célebre, ele teria agora, com esta nomeação, um “escritório”. Neste caso ele se resumiria a um horário fixo que, no entanto, lhe daria a possibilidade de encontrá-la ao menos duas vezes por dia. Finalmente, há a possibilidade de um trabalho eternamente recomeçado, durante a madrugada, pois enquanto ela dorme, ele faz *estes versos para você*. Três soluções, cada uma feliz a seu modo. A felicidade do sintoma, se levamos a sério a teoria dos nós, não será nenhum destes caminhos em si. Ela terá algo do imaginário da identidade, do simbólico de um nome vazio e do real de um fazer. Não haverá, porém, nem progressão, nem hierarquia entre eles, mas apenas o tecer de um fio a mais, quarto elo que os entrelaça e articula *dando o tom*.

Esse quarto elo será a conclusão de nosso percurso. Só chegaremos a ele em nosso último encontro. Deixemos isso de lado por enquanto. Por hora vamos articular cada via a um ou mais fragmentos clínicos para poder ganhar uma idéia mais firme do que se trata em cada eixo.

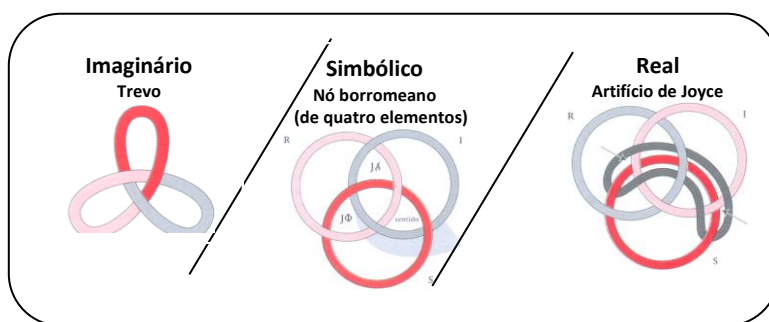
A primeira via seria a do corpo, da identidade e do imaginário. A segunda a da nomeação, e a última a de um fazer que sintetizamos como obra. Entenda-se o termo menos como substantivo e mais como verbo. Não é tanto a obra de arte, mas a obra no sentido daquelas intermináveis que fazemos em nossa casa e só termina quando expulsamos os pedreiros.

Essa última merece um comentário. Tendemos a idealizar a solução pelo fazer. Ela é aproximada da sublimação e esta aproximada de uma elevação do espírito, subida no nível da abstração, da criatividade, etc. Quando lidamos com os nossos pacientes é difícil achar que o melhor para ele sempre será ter uma obra. Quando ele fica a noite inteira fazendo versos para alguém ele se estabiliza e sai do impasse. Porém, não quer dizer que isso seria superior a virar guarda noturno ou gerente. É preciso ver cada caso, são coisas diferentes. O nosso problema é que idealizamos a obra. Os artistas não estão sempre bem e felizes. Eles podem às vezes fazer muito bem para a humanidade, mas isso não significa que a humanidade tenha feito bem a eles. É bem verdade que quando o fazer vira obra as coisas tendem a ser mais sólidas. O obra é um fazer que se tornou objeto fora do sujeito e ganhou lugar no Outro. Mas ela não deve ficar como meta. Algo do tipo “Vamos todos virar Joyce.” Se temos que escolher um campo para nossa operação, a ser valorizado, é do sintoma, no simbólico, na construção do nome. Temos que entender o que é a construção do nome. O caso do Homem dos Papéis, do semestre passado, o ilustra.

## **O caso dos papéis**

É um sujeito que aparece nas emergências da cidade do Rio de Janeiro carregando um número considerável de identidades, certidões de nascimentos e papéis dele mesmo. Tem várias vias de tudo. As carteiras têm fotos diferentes dele. Decide-se não reponder às inúmeras demandas que ele tinha e a encaminhá-lo sempre par ao mesmo CAPS. Nesse CAPS, um dia alguém lhe pergunta "Você não quer guardar sua pasta aqui?". Ele concorda e depois disso sai e entra do serviço quase todo dia, pega uma identidade, volta, troca. Esse é seu trabalho dele. Mas deixar o arquivo no CAPS tem um efeito decisivo que se observa, nas emergências. Ele passa a dizer "Eu sou do CAPS X". Isso é nome de que falávamos. Produzindo identidades num fazer constante (obra) ele havia se estabilizado. As identidades que eram o armário dele. Quando ele deposita o armário no CAPS parece ter-se criado a possibilidade de fazer-se um nome. Ao dizer que é do caps tal, ele tem seu sintoma amarrado com a linha da nomeação, quando antes era a de um fazer constante e interminável. As coisas se acalmam.

Para os entendidos: poderíamos também inserir no esquema que estamos desenvolvendo nesse nosso percurso os nós dos quais Lacan nos fala no Seminário 23. Deixaremos isso apenas registrado.



Para desvalorizar ainda um pouco mais o caminho do fazer, lembro-me de um paciente que varria o pátio do manicômio. Anos a fio, todo dia, varrendo sem dizer palavra, com a língua de fora, em um sintoma que era chamado de retardo mental. Isso também é uma estabilização pela obra. Não é necessariamente um livro ou um quadro este fazer que estabiliza. Varrendo ele tinha um nome e um corpo.

No *Seminário 10: A Angústia* Lacan propõe uma divisão entre um campo e dois pólos. No *Seminário 23: O Sintoma* ele já propõe o nó como modelo de amarração. Três coisas distintas, enlaçadas ao modo de uma trança, fazendo um nó que não é nunca dois a dois, mas sempre de quatro. Por hora vamos contar só até três e, como disse deixaremos o quarto elemento para o final deste curso.

Então temos em cada eixo um registro de Lacan enfatizado. Há assim tipos de amarração. Cada um põe em proeminência algum dos registros. Esse último, do varredor, é o enlaçamento que põe em proeminência o fazer. Seria o mesmo de Joyce que através de um "artifício de escrita", nos termos de Lacan, um fazer com a escrita, ganha um ego. Primeiro o trabalho, real. A obra, que virá dar trabalho aos universitários por trezentos anos, vem depois, soldando seu ego pelo imaginário. Isso faz com que se pense que a solução do Joyce como sendo tecida através do imaginário. Através do artifício monta-se o imaginário. O artifício de escrita é que é o trabalho dele pode ser comparado ao artifício de varrer. É uma escrita permanente.



Para finalizar vale trazer duas passagens. A primeira é um comentário sobre trabalho de Manoel Messias, cujas vida e obra estão sendo estudados pelo Guilherme Gutman no NEL, feito pelo Mario Pedrosa. O segundo é uma fala de Clarice Lispector.

Manoel Messias, grande gravurista, esquizofrênico, realizou uma exposição em 1979 que na ocasião foi apresentada pelo Mario Pedrosa:

*Manuel Messias apresenta a vocês xilografia com sangue de cristo que surge de madeira pingando, pingando. A cor tresanda, poreja e, para lá do outro, do tu, do nós e do ele, cabe na força inquebrantável do quadrado e na pronominal ressonância de todos. Nada um do outro se separa, tudo é medido pela violência que vem da verdade e deixa por isso mesmo de ser violência para ser apenas as essências do amor depurado.*<sup>30</sup>

Não vejo maneira mais precisa e bela de dizer o que é a violência do gozo amarrada pelo sintoma, tornada algo do mundo, porejado em cores e servido para a comunidade dos homens graças ao trabalho de Messias. Ao receber de volta, assim, no mesmo plano de intensidade, os reflexos do imenso tour de force que realiza todo dia, Messias responde quase assustado:

*Com essa apresentação do Mário mostro duas fases do meu trabalho” (...) “Assim agradecido e assustado com o teor poético da apresentação. Espero que meu trabalho não venha ferir alguém.*

É mesmo. O que para Mario era uma obra de gigante, e é, para Manoel é o mínimo necessário para sobreviver. Para construir um espaço de respiração e de liberdade de movimentos. Esse “porejamento da violência da verdade” cria uma pausa, um vazio que finalmente se instaurou e deu circulação. É algo próximo de uma máscara que com seus furos dá lugar ao ser. Que isso se pense como conexão, pois é pelo vazio que nos conectamos e não pelo que temos explicitamente em comum. Isso porque tudo o que nos é explicitamente comum, está desde sempre no armário do Outro e não poderia nunca assinalar minha singular liberdade. Aqui vale o dito de Clarice Lispector:<sup>31</sup>

*Minha liberdade pequena e enquadrada me une a liberdade do mundo, mas o que é uma janela senão o ar emoldurado por esquadrihas.*

---

<sup>1</sup> Agradeço a Leandro Reis pela precisa expressão importada de Deleuze.

<sup>2</sup> “O que poderia, juntamente com o ato analítico tal como Lacan o definiu, ganhar lugar como ação psicanalítica, ou mesmo, ousaria dizer, como ação lacaniana, que pudesse propiciar, deste ato, suas conseqüências na sociedade? (...) Este é certamente o campo que de agora em diante se abre para nós”. Miller, J. A. “Um Esforço de poesia” Curso da Orientação lacaniana, (lição 5/3/2003). Inédito.

<sup>3</sup> LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o Sintoma. Em: Opção Lacaniana, São Paulo: Eolia, V. 23, 1998, p. 11 Ele não se vale do termo gozo, por exemplo, preferindo falar que destacará algo no sintoma, e diz que usará o termo realidade sexual.

<sup>4</sup> O sintoma como encontro “que chamarei, hoje, na falta de não poder nem mais, nem melhor, a realidade sexual” LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o Sintoma. Em: Opção Lacaniana, São Paulo: Eolia, V. 23, 1998, pág. 10.

<sup>5</sup> Ref Freud. Isso também é um pouco do que se pensa do louco numa visão exterior. Sua majestade o louco.

<sup>6</sup> “Só há necessidade de saber que, em certos seres, assim chamados, o encontro com a própria ereção não é absolutamente auto-erótico. É o que há de mais hétero. Eles se dizem – Mas que é isso? E se dizem isso tão bem, que esse pobre ‘Pequeno Hans’ só pensa nisso – encarná-la em objetos que são o que há de mais externo, isto é, naquele cavalo que relincha que dá coices, que salta, que cai no chão” idem a nota anterior.



---

Cf. Tb FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996 Vol. X.

<sup>7</sup> O sintoma é um “aparelho de gozo” (cf. J. A. Miller, “Teoria do parceiro”, *Os circuitos do desejo*, 2000, p. 185). Ali ele utiliza o exemplo da biga e da baliza no circo romano, que foi aqui retomado como o par cama-armário.

<sup>8</sup> Lembremos do caso apresentou por Patrícia Guimarães no semestre passado. Ao se ver limitada por uma imprecisa ordem externa, ele conseguiu trazer a paciente que fugia com ímpeto de volta ao Hospital. Subordinar-se à Lei fez efeito na paciente. Por ela estar barrada, barrava a outra, o que só funciona, na psicose, assim meio por contágio, pois o Nome do Pai está nela e não na paciente.

<sup>9</sup> Ao falar do quarto elemento no nó borromeano Lacan afirma: “Digo que é preciso suportar tetrático o que faz o laço borromeano – perversão quer dizer apenas versão em direção ao pai -, em suma, o pai é um sintoma, ou um *sinthoma*, se quiserem” (LACAN, Jacques. *Seminário 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: JZE, 2007. Pág. 21).

<sup>10</sup> De fato, se o caos for definido pela absoluta aleatoriedade, ele não é o gozo. A figura do aleatório absoluto é o fractal.

<sup>11</sup> FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 147. A pulsão se revela sempre em uma montagem (Sem 11, 157). As variadas reversões e inflexões da pulsão são quase adaptadas, montadas, a cada caso (p. 154). Isso sem falar na decomposição da pulsão em quatro elementos que se articulam entre si e como as vicissitudes (p. 142), produzindo toda uma “gramática” e um “circuito” da pulsão (Sem 11, p. 159).

<sup>12</sup> Hoje é permitido por lei ter relações sexuais em Amsterdam, nos parques, depois das oito horas da noite. Não é permitido porém o intercuro em um parque infantil e deve-se jogar a camisinha no lixo. De todo modo o gozo está circunscrito. É a mesma idéia. Lá dentro tudo, bem. Saiu, tem que funcionar como todos.

<sup>13</sup> “O homem sábio era aquele que sabia se manter no justo meio. É o que foi chamado na sabedoria clássica *mediocritas*, o que não quer dizer medíocre, mas *médio* do meio, e *critas*, que é da mesma origem de *critério*, criterioso.” (Laurent, E. *As paixões do ser*, EBP-Bahia, 2000, p. 62).

<sup>14</sup> LACAN, Jacques, O seminário7: A ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: JZE, 1997.

<sup>15</sup> “O problema do gozo como que ele se encontra como que soterrado num campo central, com aspectos de inacessibilidade, de obscuridade e de opacidade, num campo cingido por uma barreira que torna seu acesso mais do que difícil ao sujeito, inacessível” LACAN, Jacques, O seminário7: A ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: JZE, 1997, pag. 256.

<sup>16</sup> “O ódio, enquanto relação com objetos, é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos” FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996 pag. 143

<sup>17</sup> O que se lê em Freud, agora em 1925, como a diferença entre o **indivíduo** e a **espécie**. A cada vez que há ato sexual, o indivíduo se eclipsa, ele morre para dar lugar e passagem ao germe imortal da espécie (Além do pp, p. 65 e a pulsão e suas vicissitudes, p. 145).

<sup>18</sup> “A pulsão, como tal, e uma vez é então pulsão de destruição, deve estar para além da tendência ao retorno ao inanimado. O que ela poderia ser? – senão uma vontade de destruição direta” (...) “Vontade de recomeçar com novos custos. Vontade de Outra-coisa, na medida em que tudo pode ser posto em causa a partir da função do significante” LACAN, Jacques, O seminário7: A ética da Psicanálise. Rio de Janeiro: JZE, 1997 pag. 259.

<sup>19</sup> LACAN, Jacques. O Seminário 10: A Angústia. Rio de Janeiro: JZE, 2005 pag. 287.

<sup>20</sup> Idem a nota anterior.

<sup>21</sup> Sem 10 esquema p. 22 e 346.

<sup>22</sup> Ali, a angústia, é um “correspondente polar” do ato, Sem 10 p. 344, o que a define como um **pólo** e não como um estado (Ela é “produtora” e não produzida, ou constituinte e não constituída, dirá Miller, *Opção lacaniana*, 43, p. 14 e 80. E o sintoma é um **campo** “o campo do sintoma” p. 305.

<sup>23</sup> Para essas noções, conferir: Sem 22 lição de 10/12/74 e 17/12/74. “A inibição é sempre coisa de **corpo**, ou seja de função (de funcionar ou não); “Inibição sintoma e angústia são tão heterogêneos quanto meus termos **Imaginário, Simbólico e Real**”; “**Inibição** é a nomeação do imaginário”; “**A angústia** parte do real” e “vai dar sentido ao que do gozo se produz no Simbólico”; “**A angústia** é a nomeação do real”; “O simbólico é um **campo**”; “O **sintoma** é o efeito do simbólico no real”; “O **sinthoma** é o efeito do simbólico como aparece no real”.

<sup>24</sup> LACAN, Jacques. *Psicoses da Criança*, Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 2003. A realidade é abordada com “**aparelhos de gozo**”. A linguagem é o aparelho de gozo por excelência (sem 20, p. 75, comentado por J. A. Miller, *Opção 23 “O monólogo da aparola”*, p. 74.).

<sup>25</sup> LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o Sintoma. Em: *Opção Lacaniana*, São Paulo: Eolia, V. 23, 1998, pag. 11

<sup>26</sup> **Lalíngua** é feita das primeiras marcas da linguagem p. 9/01, “O **sintoma** é aquilo que **lalíngua** condiciona” sem 23, p. 163. Estas marcas fazem com que “cada um não tenha encontrado outros modos de se sustentar a

---

não ser pelo sintoma”, o **sintoma** é o modo de se sustentar a partir dos restos que ficaram do encontro com o mundo da linguagem para cada um p. 10

<sup>27</sup> “Uma **palavra é ambígua**”, (genebra p. 9) explica-se como: Miller “A psicanálise opera sobre o que o simbólico tem de real, a partir do que do simbólico é incluído no imaginário” opção 37 p. 27. Isso faz com que o sintoma possa fundar o “**moterialismo**” (materialismo da palavra) da psicanálise p. 10

<sup>28</sup> O fazer de Joyce é que é a via mestra de sua estabilização: um fazer que lhe dá um corpo ao lhe dar um Nome na cultura a estabilização de Joyce se dá a partir de um “**artifício de escrita**” que “restitui” o **nó** que não é borromeano, mas é como se fosse. p. 148. O **nó de trevo**, como nó da **paranóia**, é o nó que marca a confusão dos três registros, uma estabilização a partir dela poderia ser pelo imaginário do **delírio**, por exemplo, que venha estabilizar a confusão, produzindo o que Lacan chama de “**personalidade**” p. 49. O **sinthoma** é a construção de um enlace a partir de um nó borromeano (sempre de quatro e não de três, porque o de três, por fazer equivaler os três registros tende ao nó de trevo) p. 49. Inibição, sintoma e angústia – Imaginário, Simbólico e Real – **Consistência, Furo e ex-sistência**, sem 23 p. 49. O **gozo** é sem forma, vazio, mas é a “**substância**” das roupas (gozo como substância Sem 20 p. 35. “O gozo é a substância do **corpo**”).

<sup>29</sup> Quando o apito da fábrica de tecidos / Vem ferir os meus ouvidos / Eu me lembro de você / Mas você anda / Sem dúvida bem zangada / Ou está interessada / Em fingir que não me vê / Você que atende ao apito / De uma chaminé de barro / Por que não atende ao grito tão aflito / Da buzina do meu carro? / Você no inverno / Sem meias volta ao trabalho / Não faz fé com agasalho / Nem no frio você crê / Mas você é mesmo / Artigo que não se imita / Quando a fábrica apita / Faz reclame de você / Nos meus olhos você vê / Como sofro cruelmente / Com ciúmes do gerente impertinente / Que dá ordens a você / Sou do sereno / Poeta muito soturno / Vou virar guarda noturno / E você sabe porque / Mas você não sabe / Que enquanto você faz pano / Faço junto do piano / Estes versos prá você.

<sup>30</sup> Texto de apresentação (12 de dezembro de 1979) presente no catálogo da exposição individual na Galeria Funarte Macunaíma (03 a 15 de Janeiro de 1980)].

<sup>31</sup> Agradeço a Maria Hena pela frase de Clarice Lispector, em *Água Viva* (cf. “Ressoarte”, Lemgruber, M. H. trabalho apresentado na *IV Jornada de Conclusão de curso do ICP*, abril de 2008, inédito).